

# Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado (S.C.)Class.: 63Data: 9 de junho de 1987 (?)

Pg.: \_\_\_\_\_

## Comunidade universitária contra projeto Calha Norte

Florianópolis - Professores e alunos ligados ao Museu de Antropologia da UFSC pretendem realizar um seminário interdisciplinar para discutir meios de pressão contra a implantação no Amazonas do projeto Calha Norte. Na área de 6.500 quilômetros de extensão, ao norte do rio Solimões, atingida pelo projeto, vivem 50 mil índios *yanomamis*. 38% da população indígena existente hoje no Brasil. Com a alegação de que deseja resguardar as fronteiras nacionais, o Conselho de Segurança Nacional promoverá a extração de minérios numa região rica em ouro, pedras preciosas, bauxita, ferro e urânio. Só em 1978, se extraiu na área 383 toneladas de ferro, o que não representava 1% do existente na época.

Como a discussão do assunto está mobilizando várias comunidades em todo o Brasil, o diretor do Museu de Antropologia da UFSC, antropólogo Luiz Carlos Halfpap, juntamente com outros professores e alunos dos cursos de Ciências Sociais, História e Sociologia Política formaram o comitê de estudos sobre o projeto Calha Norte. O grupo que se reuniu ontem pela segunda vez, retomou as questões discutidas no encontro de 22 de maio, quando foi sugerido o seminário e a elaboração de um documento para servir de pressão junto aos constituintes. Para isso, querem estender a discussão a toda a comunidade, ampliando e sociabilizando os conhecimentos já aprofundados sobre o assunto.

Além do extermínio dos 50 mil *yanomamis* que vivem numa região ainda indevassada, a implantação do projeto acelerará um processo já natural de desertificação do Amazonas. Segundo estudos da antropóloga norte-americana Betty Meggers, autora do estudo *Amazônia a ilusão de um paraíso*, as características do solo, aliadas à temperatura quente e às fortes chuvas, são responsáveis pela infertilidade do terreno, basicamente composto de areia e argila. "Isto nos permite deduzir que a atual e desordenada agressão à Floresta Amazônica pode transformar a região, dentro de 50 anos, em desertos irreversíveis"; diz Halfpap, que além do Calha Norte aponta ainda como atuais responsáveis a própria Transamazônica e o Tucuruí.

Atualmente, o projeto Calha Norte, avaliado em 45 milhões de dólares — 33% destes recursos liberados até agosto do ano passado —, é assunto sigiloso na esfera federal. Toda a área, que faz fronteira com a Colômbia, Venezuela, Suriname, Guiana Francesa e República Cooperativista da Guiana, tem acesso proibido ao público, o que não acontecia no ano passado, quando 185 alvarás de pesquisa de minérios foram liberados. Enquanto o CSN afirma que seu objetivo é demarcar definitivamente as fronteiras do Brasil e implantar projetos econômicos e pólos de colonização, os antropólogos e estudiosos lembram que o Amazonas nunca teve um planejamento populacional com cuidado do ponto de vista ecológico e econômico.